

# O encontro com a gramática do sânscrito: fatores predisponentes e emergentes

Francivaldo Lourenço

## RESUMO

Câmara Jr. (1986, p. 34) afirma que em matéria de linguagem o que os gregos e os romanos disseram, passou por um crivo crítico em face do que sugeria a leitura do sânscrito. Malberg (1974, p. 25) afirma que foi somente pela comparação do sânscrito que a teoria sobre o parentesco e a unidade de origem das línguas indo-europeias recebeu bases sólidas e foi, enfim, considerada definitivamente estabelecida. Pouca atenção foi dada aos documentos deste processo histórico, ou seja, às primeiras gramáticas europeias do sânscrito, bem como às redes de pesquisadores a elas associadas, o que justifica nossa incursão nesses textos na consideração do *horizonte de retrospectão* da *Linguística* do século XIX. Apoiamo-nos no *externalismo* de Sylvain Auroux, entendido como uma filosofia que defende o caráter originalmente artificial e externo da inteligência humana, sobretudo em sua proposta de que o conhecimento é um processo ao mesmo tempo material, social e coletivo, nunca limitado, encerrado, preservado ou produzido por competências individuais que dizem respeito apenas a momentos e fragmentos (AUROUX, 1998). Para conhecer, o indivíduo precisa ter acesso à *maquinaria da inteligência*; em ciências da linguagem temos, assim, as gramáticas e dicionários. Entendemos igualmente que a História das Ciências é parte da epistemologia, sua parte descritiva, por oposição a sua parte normativa (AUROUX, 1986). Adotamos a perspectiva da *História das Ideias Linguísticas* (COLOMBAT, FOURNIER, PUECH, 2017; LEITE, 2019) para analisar a representação da linguística hindu em alguns dos primeiros tratamentos do sânscrito por estudiosos europeus.

**Palavras-chave:** *Sânscrito; Gramaticografia; História das Ideias Linguísticas.*

## ABSTRACT

Câmara Jr. (1986, p. 34) says, in terms of language, what the Greeks and Romans said went through a critical sieve in the face of what suggested the reading of Sanskrit. Malberg (1974, p. 25) claims it was only by comparing Sanskrit that the theory of linguistics families and the unity of origin of the Indo-European languages received solid bases and was, finally, considered definitively established. Little attention was paid to the documents of this historical process, that is, to the first European grammars

of Sanskrit, as well as to the networks of researchers associated with them, which justifies our incursion into these texts in considering the horizon of retrospection of linguistics from this period. This article is based on the externalism of Sylvain Auroux, understood as a philosophy that defends the artificial and external character of human intelligence, especially in his proposal that knowledge is a process at the same time material, social and collective, never limited, closed, preserved or produced by individual skills that only concern moments and fragments (AUROUX, 1998). To know, the individual needs to have access to the intelligence machinery; in language sciences, we have, therefore, grammar and dictionaries. We also understand that the History of Sciences is part of Epistemology, its descriptive part, as opposed to its normative one (AUROUX, 1986). In this article, we adopt the History of Linguistic Ideas perspective (COLOMBAT, FOURNIER, PUECH, 2017; LEITE, 2019) to analyze the representation of Hindu linguistics in some of the first treatments of Sanskrit by European scholars.

**Keywords:** *Sanskrit; Grammaticography; History of Linguistic Ideas.*

**H**á certo consenso, na área dos estudos linguísticos, quanto à ideia de que o encontro com o sânscrito levou a linguística ocidental a uma mudança de rumos (ROBINS, 1969; LEROY, 1971; MALBERG, 1974; AMSTERDAMSKA, 1987; CÂMARA JR., 1986)<sup>1</sup>. O início deste processo de mudança pode ser localizado em fins do século XVIII, quando o grande interesse dos estudiosos europeus por catalogar as línguas do mundo e a reestruturação das universidades alemãs — o que permitiu a rápida institucionalização da linguística na Alemanha (AMSTERDAMSKA, 1987, p. 64) — criaram um ambiente intelectual e institucional propício ao aprofundamento do estudo dos materiais e conhecimentos advindos da Índia, descobertos por missionários e por agentes da colonização britânica que eram também argutos estudiosos.

A historiografia linguística ocupou-se sobremaneira dos desdobramentos deste novo rumo, debruçando-se sobre as figuras pioneiras dos irmãos Schlegel, de Jacob Grimm e de Franz Bopp. Todos eles foram figuras importantes no contexto acadêmico alemão da época. Swiggers (2017,

---

<sup>1</sup> Este consenso constitui, por si, uma questão histórica de máximo interesse; no entanto, aqui ele é tomado como um fator predisponente da representação da mudança de rumos da linguística ocidental nos processos de historicização ativos nos séculos XIX e XX.

p. 171) afirma que a gramática comparativa indo-europeia é, propriamente falando, uma criação da ciência acadêmica alemã; afirma ainda que foi neste ambiente que, posteriormente, ela tornou-se a disciplina central da ciência há pouco nomeada, a linguística.

Pouca atenção foi dada aos fatos e documentos que, frutos de outra *episteme*<sup>2</sup>, não foram inseridos no *horizonte de retrospectão* da linguística que então se institucionalizava, mas nem por isso foram menos eficazes ao funcionar como canais de transmissão de conhecimentos e representações da tradição linguística hindu para a tradição linguística europeia. O trabalho dos missionários e dos estudiosos europeus ligados ao empreendimento colonial constituem, do ponto de vista da *História das Ideias Linguísticas*, verdadeiros *sistemas científicos*, a partir da constituição de redes de estudiosos, responsáveis pela elaboração de instrumentos e de registros linguísticos destinados ao contexto científico europeu.

A primeira rede, formada por missionários franceses, teve como ambiente institucional de sua interlocução a *Académie Royale des Inscriptions et Belles-Lettres*. Como produção desta rede destacam-se a elaboração, em latim, de uma gramática do sânscrito pelo padre Jean François Pons, S.J, em 1740, que alguma influência exerceu sobre os primeiros *scholars* franceses interessados na filologia do sânscrito; bem como as observações e comparações linguísticas do Padre Coerdoux, S.J, em seu célebre *Mémoire* (1768<sup>3</sup>). A segunda rede, institucionalmente, liga-se a *The Asiatic Society*, fundada por Willian Jones em 1784; surgiu ela no bojo do processo de colonização da Índia pelo Império Britânico. Destacam-se de sua produção as gramáticas elaboradas por Nathaniel Brassey Halhed (1778), Henry Thomas Colebrooke (1805) e Charles Wilkins (1808); destas, apenas a de Halhed não tem o sânscrito como língua objeto<sup>4</sup>.

O sistema científico francês merece um estudo à parte, sobretudo acerca das rotas de trânsito destes conhecimentos e do quadro epistemológico no qual os estudiosos franceses situavam-se. Na investigação que ensejou este relato, dedicamo-nos muito mais ao sistema científico inglês. Nos prefácios às gramáticas referidas acima, buscamos analisar as representações do sânscrito e de sua linguística, bem como encontrar pistas que nos permitissem traçar, ainda que imperfeitamente, sua repercussão no horizonte de retrospectão da linguística histórico-comparada que emergiu logo depois.

---

2 O Dicionário Unesp (2011, p. 514) traz a seguinte acepção para este termo: “paradigma geral segundo o qual se estruturam, em uma determinada época, os múltiplos saberes científicos, que por esta razão compartilham determinadas formas ou características gerais apesar de suas especificidades e diferentes objetos”. Aplico este conceito foucaultiano não em sua extensão original. Neste texto entendo *episteme* como o quadro de valores epistemológicos no qual se estruturam os atos de saber de um grupo de estudiosos apesar de suas especificidades e de seus diferentes interesses.

3 Ano em que foi escrito. Em 1785, o *Mémoire* foi lido perante a *Académie Royale des Inscriptions et Belles-Lettres*.

4 É ela uma gramática do bengalês.

De acordo com o filósofo brasileiro Mário Ferreira dos Santos (1959, p. 110), a emergência de um ser refere-se à sua materialidade e à sua formalidade específica e a predisponência constitui o que, sem o qual, o ser não se dá, ou seja, sua causa eficiente e os fatores que constituem o seu ambiente circunstancial físico ou metafísico. As ideias e os saberes linguísticos, objetos de nosso interesse acadêmico, são passíveis de uma análise em fatores emergentes e predisponentes, pois também eles vieram a ser no tempo, portanto, possuem uma forma e uma matéria; igualmente, eles dependem de outras ideias e saberes anteriores para que de fato venham a ser. Em termos mais afeitos à nossa disciplina, poderíamos falar de *identidade do conhecimento* e de *horizonte de retrospectão* (AUROUX, 2006). O importante, no entanto, é sabermos que todo conhecimento possui uma identidade e uma historicidade.

Nesta perspectiva, o conhecimento do sânscrito e dos métodos de análise representados, sobretudo, pela tradição paniniana, bem como as representações destes conhecimentos por estudiosos europeus, constituem os fatores emergentes que nos interessam aqui. Já os fatores predisponentes podem ser caracterizados como as motivações e reações ao estudo desta língua e dos documentos desta tradição, bem como o ambiente físico onde se deu o contato com ambos e o contexto intelectual que ensejou a formatação destas representações.

O discurso proferido por William Jones em 1786 na *Asiatick Society* pode ser compreendido como a culminância de um processo que começou com os comentários entusiasmados do padre Pons em 1740. A afirmação “The Sanskrit language, whatever be its antiquity, is of a wonderful structure<sup>5</sup> (...)” (apud SWIIGGERS, 2017, p. 158), proferida por Jones em seu famoso discurso, traz uma impressão já refletida em carta pelo padre Pons, “Il est étonnant que l’esprit humain ait pu atteindre à la perfection de l’art, qui éclatte dans ces Grammaires: les Auteurs y ont réduit par l’Analyse la plus riche langue du monde, à un petit nombre d’éléments primitifs<sup>6</sup> (...)” (apud STAAL, 1978, p. 31). A representação do sânscrito como uma língua bem estruturada e rica já estava bastante difundida nos contextos paralelos por onde as ideias destes estudiosos circularam. Importante notarmos o uso pelo padre Pons, em sua argumentação, de referências aos trabalhos dos gramáticos brâmanes. A recolha dos tratados produzidos por estes gramáticos, bem como sua decifração e, também, sua posterior recopilação em gramáticas para ocidentais são as tarefas a que se dedicaram os estudiosos de ambos os sistemas científicos referidos acima, bem como a fonte de onde emergiram os

5 Tradução: “A língua sânscrita, qualquer que seja a sua antiguidade, é de uma estrutura maravilhosa...”. As traduções são de nossa responsabilidade.

6 Tradução: “É impressionante como a mente humana pôde alcançar a perfeição da arte, que irrompe nestas Gramáticas: os Autores nelas reduziram, pela análise, a mais rica língua do mundo, a um pequeno número de elementos primitivos...”

saberes linguísticos e as representações acerca do sânscrito que reverberaram por toda a Europa.

### **Uma gramaticografia europeia do sânscrito: fontes e representações**

Para Houben (2015, p. 258), a característica mais marcante da tradição científica e escolar em sânscrito é, de fato, a importância e onipresença da gramática, o que equivale à importância e onipresença da matemática no Ocidente. Esta característica explica a profícua produção gramaticográfica indiana e, também, em parte, os avanços que promoveu, sobretudo nos estudos fonéticos e morfológicos. Para Lyons (1995, p. 20), estes são os dois domínios nos quais a gramática indiana é superior à gramática tradicional.

Auroux (2018) argumenta que as grandes viagens do Renascimento, ligadas à expansão dos estados-nações na Europa, produziram uma gramatização geral das línguas do mundo – gramatização apoiada no equipamento gramatical greco-latino; o que nos permite remeter a data do nascimento da gramática comparada, e, portanto, das ciências da linguagem, não mais ao comparatismo e aos estudos indo-europeus do século XIX, mas ao século XVI.

As afirmações referidas acima demonstram a importância de olharmos para a gramática como instrumento linguístico, não apenas como campo de saber, pois revela-nos em suas configurações técnicas fatos e processos historicamente relevantes do ponto de vista das ideias. Os testemunhos que apresentamos a seguir atestam o papel desempenhado por este instrumento linguístico como fonte de conhecimentos (os tratados sânscritos) e como veículo para a transferência de conhecimentos (gramáticas inglesas do sânscrito), sob a representação da tradição linguística sânscrita como mais avançada cientificamente por sua exaustividade, coesão e economia<sup>7</sup>.

### **O testemunho de Halhed**

A gramática do bengalês de Halhed (1778) é a primeira tentativa de tratamento sistemático desta língua. Ainda que o autor conhecesse mal<sup>8</sup> a língua que pretendia gramatizar, seu trabalho traz duas inovações importantes: o uso das letras do bengalês, cujos tipos foram produzidos por Charles Wilkins, e, também, o uso extensivo de ilustrações e exemplos de textos bengaleses. O interesse desta gramática para o nosso relato reside em seu extenso prefácio, no qual encontramos referências a todos os personagens da trama de que nos

7 Exaustividade, coesão e economia são os princípios gramaticais de Panini que mais influenciaram a tradição linguística ocidental. Ver LYONS (1970, p. 19).

8 É o que nos assegura Qayyum (1974).

ocupamos aqui: os jesuítas, o sânscrito, os ingleses, a colonização britânica da Índia, uma visão comparatista das línguas etc.

Halhed insere sua gramática no programa político de colonização da Índia pelo Império Britânico, mais especificamente na busca por “a general médium of intercourse between the Government and its Subjects; between the Natives of Europe who are to rule, and the Inhabitants of India who are to obey” (1778, p. II). Discute inicialmente o erro de considerar o dialeto *Moor* como o idioma de toda a Índia; aponta mesmo que é para desfazer este mito que se propôs a expor estas explicações gramaticais do vernáculo de Bengala. Expõe a seguir seu principal objetivo: “to comprehend everything necessary to be known; not contenting myself with a superficial or partial view, nor confining my observations to the more obvious particularities<sup>10</sup> (1778, p. III)”.

A despeito da língua gramatical ser o bengalês, grande destaque é dado ao sânscrito neste prefácio. Halhed (1778, p. III) o coloca como a grande fonte da literatura indiana, como parente de quase todos os dialetos presentes na região que vai do Golfo Pérsico até os mares da China; aventa também a hipótese de ele ter sido corrente, em algum momento, na maior parte do Mundo Oriental. O autor encontrou semelhanças do sânscrito com o persa, o árabe, o latim e o grego; diz-nos não ter tomado como critério a comparação de termos técnicos e metafóricos que, segundo ele, podem ter sido introduzidos ocasionalmente, mas a comparação dos monossílabos, “the main ground-work of language<sup>11</sup> (1778, p. IV)”. Outras fontes consideradas pelo autor foram: o vocabulário do cotidiano, a numismática, a organização e grafia do alfabeto, onomástica e outros testemunhos sobre a ligação do Hindustão com outras regiões da Índia e com outros países.

Para introduzir suas considerações sobre o aspecto estrutural do sânscrito, Halhed critica as opiniões do padre jesuíta Jean François Pons (1688-1752), referenciado no texto como “Jesuit Dupont”, que tratou deste assunto, segundo nosso autor, de modo bastante fantasioso, o que levou muitos estudiosos posteriores a enganos. A principal crítica é a de que o jesuíta não compreendeu o valor linguístico das raízes verbais, tomando-as como “primitive elements<sup>12</sup>” e chamando-as de “*caput mortuum* of the language<sup>13</sup> (1778, p. VI)”.

Halhed aponta que as partes fundamentais do sânscrito são: *Dhaat* ou raízes verbais, *Shubd* ou nomes originais e *Evyā* ou partículas. Estas últimas são indeclináveis como em outras línguas. As duas primeiras são

9 Tradução: “um meio geral de intercurso entre o Governo e os Súditos; entre os Nativos da Europa que são os senhores e os habitantes da Índia que devem obedecer”.

10 Tradução de: “compreender tudo o que for importante conhecer; não me contentei com uma visão superficial ou parcial, nem limitei minhas observações às particularidades mais óbvias”.

11 Tradução: “a base principal da língua”.

12 Tradução: “elementos primitivos”.

13 Tradução: “restos sem valor da língua”.

conformadas por certas adições e inflexões de modo a encaixá-las em algum lugar da sentença. O autor considera que a arte dos gramáticos do sânscrito está em que:

Not a syllable, not a letter can be added or altered but by regimen; not the most trifling variation of the sense in the minutest subdivision of declension or conjugation can be effected without the application of several rules: and all the different forms for every change of gender, number, case, person, tense, mood or degree are methodically arranged for the assistance of the memory; resembling (though on a scale infinitely more extensive) the compilations of *propria quae maribus* and as *in presenti*<sup>14</sup> (1778, p. VII).

A crítica de Halhed (1778, p. VII) ao padre Pons culmina na afirmação de que se este tivesse sido menos fanático por seu sistema de *caput mortuum*, teria refletido que o verbo e o nome são igualmente necessários para a construção da sentença e para a inteligibilidade do discurso; teria tido, assim, um acertado *insight* sobre o Sânscrito, cujas partes elementares são compostas por estas duas partes do discurso, com o acréscimo das partículas.

A ideia central da argumentação de Halhed é a da prevalência do sânscrito e de sua íntima relação com os dialetos falados na Índia moderna. Do ponto de vista da técnica gramatical, contemporaneamente, vemos com Aussant (2017, p. 7) um crescente interesse pela “Grammaire Sanskrite Étendue<sup>15</sup>”, definida como a gramatização de diversas línguas sob a base de descrições gramaticais inicialmente elaboradas para o sânscrito, de um modo análogo ao que ocorreu no Ocidente com a *Gramática Latina Extendida*, temática cara ao historiador Sylvain Auroux (2014).

As gramáticas mais antigas escritas por estudiosos ingleses resultaram de estudos com a ajuda de panditas indianos e foram baseadas direta ou indiretamente em trabalhos da tradição gramatical indiana – em particular em dois trabalhos da tradição paniniana, a saber, a *Kasika* por Jayaditya e Vamana (século VII) e o *Siddhantakaumudi* de Bhattojiksita (século XVII) e num trabalho de tradição não-paniniana, o *Mugdhabodha* de Vopadeva (século XIII?) (STAAL, 1974). Halhed foi um dos que contou com a ajuda de um pandita em seus estudos do sânscrito:

14 Tradução: “Nenhuma sílaba, nenhuma letra pode ser colocada ou alterada senão por regime; nem a mais insignificante variação de sentido na mínima subdivisão da declinação ou conjugação pode ser efetivada sem a aplicação de várias regras: e todas as formas diferentes de mudança de gênero, número, caso, pessoa, tempo, modo ou grau são metodicamente organizadas para a assistência da memória; de modo semelhante (embora numa escala infinitamente mais extensiva) às compilações de *propria quae maribus* e como *in presenti*”.

15 Tradução: “Gramática Sânscrita Estendida”.

The Pundit who imparted a small portion of his language to me, has by no means escaped the censure of his countrymen: and while he readily displayed the principles of his grammar, he has invariably refused to develop a single article of his religion<sup>16</sup> (1778, p. X-XI).

### O testemunho de Colebrooke

Outro foi o caminho daquele que produziu a melhor gramática do sânscrito deste período<sup>17</sup>; a gramática de Colebrooke (1805) ancora-se no trabalho prévio de recensão de grande número de tratados gramaticais indianos. Um testemunho importante deste trabalho e das representações que ele ensejou encontra-se no artigo *On the Sanskrit and Prácrit Languages*, publicado em 1803 na *Asiatic Researches* 7<sup>18</sup>.

Neste artigo, Colebrooke afirma, sempre baseado em autores indianos, que são notadas três línguas pelos eruditos da Índia: 1 – o *Sânscrito*, um dialeto polido, cujas inflexões, com todas suas inúmeras anomalias, são ensinadas em institutos gramaticais; 2 – o *Prácrit*, o dialeto das províncias, menos refinado e com uma gramática mais imperfeita; 3 – o *Mágad'hí*, ou *Apabhransa*, um jargão destituído de gramática regular. Para Colebrooke todas as línguas da Índia estão compreendidas nestas três classes. Após afirmar o caráter de língua de cultura do sânscrito discorre sobre sua possível origem:

It evidently draws its origin (and some steps of its progress may even now be traced) from a primeval tongue which was gradually refined in various climates, and became Sanscrit in India; Pahlavi in Persia, and Greek on the shores of Mediterranean. Like other very ancient languages, Sanscrit abounds in inflections, which are, however, more anomalous in this, than in the other languages here alluded to<sup>19</sup> (...) (in Staal, 1974, p. 35-36).

A hipótese da origem comum, mesmo de uma língua-mãe, está claramente exposta neste excerto, o que pode significar um assumir as

16 Tradução: “O pandita que me transmitiu uma pequena parte de sua língua, não escapou, de jeito nenhum, à censura de seus compatriotas: e enquanto prontamente expunha os princípios de sua gramática, invariavelmente, recusava-se a desenvolver um único artigo de sua religião”.

17 No julgamento de Max Müller (apud STAAL, 1974).

18 Reproduzido em Staal (1974).

19 Tradução: “Evidentemente suas origens são traçadas (e algumas etapas de seu progresso podem agora mesmo ser rastreadas) de uma língua primitiva que foi refinada gradualmente, em vários climas, e tornou-se o Sânscrito na Índia, o Pálavi na Pérsia e o Grego nas margens do Mediterrâneo. Como outras línguas antigas, o Sânscrito abunda em inflexões, as quais são nele, no entanto, mais anômalas que em qualquer outra língua aqui referida (...)”.

consequências teóricas dos achados que a outros estudiosos levaram apenas a apontar e a comprovar as semelhanças materiais e estruturais entre as línguas clássicas.

Colebrooke, ainda no artigo em questão, argumenta contra o erro de considerar o refinamento da gramática, instrumento linguístico, com o refinamento da língua mesma. Supõe-se que as regras são anteriores à prática, mas, na opinião de Colebrooke, esta é uma suposição gratuita. Em sânscrito, continua o estudioso, como em todas as outras línguas conhecidas, os gramáticos não têm inventado etimologias, mas apenas elaborado regras para ensinar o que já estava estabelecido pelo uso comum (in Staal, 1974, p. 36).

Há nas análises de Colebrooke um evidente interesse pela gramaticografia do sânscrito e, conseqüentemente, pela configuração da tradição gramaticográfica que se formou em torno de Panini. Afirma Colebrooke (in Staal, 1974, p. 37) que o sistema de Panini

is grounded on a profound investigation of the analogies in both the regular and the anomalous inflections of the Sancrit language. He has combined those analogies in a very artificial manner; and has thus compressed a most copious etymology into a very narrow compass. His precepts are indeed numerous, but they have been framed with the utmost conciseness; and this great brevity is the result of very ingenious methods which have been contrived for this end, and for the purpose of assisting the student's memory<sup>20</sup>.

100

Este método é representado pelos Sutas, ou “sucintos aforismos gramaticais”, na definição de Colebrooke (in STAAL, 1974, p. 36). Dada sua brevidade estes sutas acabam sendo obscuros, o que levou a necessidade de comentários, correções e complementações. Esta necessidade, por sua vez, ensejou uma série de instrumentos linguísticos que passaram a constituir a tradição gramatical paniniana. A configuração desta tradição já encontra-se bem delineada no artigo de Colebrooke, no entanto, apresentamos o esquema mais atual alaborado por Aussant (2005):

---

20 Tradução: “está baseado numa investigação profunda das analogias de ambas as inflexões regulares e irregulares da língua sânscrita. Ele combinava estas analogias de uma maneira bastante artificial; e, então, comprimia esta copiosa etimologia em uma bússola muito estreita. Seus preceitos são, na verdade, numerosos, mas foram emoldurados com a máxima concisão; e esta excelente brevidade é o resultado de métodos bastante engenhosos, que foram criados para este fim e para auxiliar a memória dos estudantes”.

Tabela 1 – Marcos históricos da tradição gramatical paniniana<sup>21</sup>

Autor	Data	Título da obra e gênero
Panini	Séc. V a. C.	<i>Astadhyayi</i> “(tratado) em oito lições” Obra de linguística geral, fundadora da escola paniniana, redigida em <i>sutra</i> ou “aforismos”
Katyayana	Séc. III a. C.	<i>Varttika</i> “elementos de interpretação” Comentário de uma parte dos <i>sutras</i> do <i>Astadhyayi</i>
Patanjali	Séc. II a. C.	<i>Mahabhasya</i> “grande comentário” Comentário do <i>Varttika</i>
Bhartrhari	Séc. V	<i>Vakyapadiya</i> “(tratado) da frase e da palavra” Tratado de filosofia gramatical
Vamana-Jayaditya	Séc. VII	<i>Kasikavrtti</i> “glosa de Kasi” Comentário completo do <i>Astadhyayi</i>
Jinendrabuddhi	Séc. VIII ?	<i>Nyasa</i> “posição” Comentário completo da <i>Kasikavrtti</i>
Kaiyata	Séc. XI ?	<i>Mahabhasyapradipa</i> “elucidação do grande comentário” Comentário completo do <i>Mahabhasya</i>
Haradatta	Séc. XI ?	<i>Padamanjari</i> “buquê de palavras” Comentário completo da <i>Kasikavrtti</i>
Bhattoji Diksita	Começo do séc. XVII	<i>Vaiyakaranamatonmajjana</i> “emergência das opiniões dos gramáticos” Tratado versificado de filosofia gramatical
Kaundabhatta	Metade do séc. XVII	<i>Vaiyakaranabhusana</i> “ornamento dos gramáticos” Comentário do <i>Vaiyakaranamatonmajjana</i>
Nagesa	Séc. XVII-XVIII	<i>Uddyota</i> “revelação” Comentário completo do <i>Mahabhasyapradipa</i>

Os três primeiros tratados desta tradição constituem, para Colebrooke (1805, p. VI), a gramática padrão do Sânscrito; inscrevem-se naquilo que Colebrooke vai chamar de “sacred grammar<sup>22</sup>”, pois são consideradas pelos mais importantes setores do hinduísmo como escritos sagrados por formarem um apêndice às suas escrituras sagradas. É o sistema ensinado por estas “gramáticas sacras” aquele que Colebrooke pretendeu seguir ao compor a sua gramática do sânscrito. Justifica esta escolha dizendo:

The sacred grammar has been more cultivated, its agreement with ancient writings and classical authors has been more carefully verified, than any other grammar of the language: it is more usually cited, and more generally understood: and, as finally corrected by

21 Tradução minha do quadro *Repère historique* presente em Aussant (2005, p. 90).

22 Tradução: “gramática sacra”.

a long train of commentators, it is more accurate and complete<sup>23</sup>  
(1805, p. IV).

Colebrooke, ao tentar aplicar o instrumental gramaticográfico paniniano, é, assim, um dos primeiros a apresentar ao Ocidente o modo prático de análise linguística hindu. Apenas a primeira parte de sua gramática foi publicada, devido a uma série de dificuldades gráficas e editoriais; no entanto, o que chegou até nós constitui um importante testemunho do encontro da mentalidade europeia em matéria de linguagem e a técnica refinada dos indianos estudarem a língua de seus escritos sagrados.

### O testemunho de Wilkins

Charles Wilkins publicou sua gramática em 1808; o escopo de seu trabalho era fornecer aos alunos da *East India College*, de Hertford, um manual de aprendizagem do sânscrito, visto que admitia, com Halhed, a prevalência do sânscrito sobre as línguas faladas na Índia; para o aprendizado destas era fundamental o domínio daquela. Wilkins (1808, p. X) argumentava:

He who knows Sanskrit has already acquired a knowledge of one half of almost every vernacular language of India; while he who remains ignorant of it, can never possess a perfect and critical understanding of any, though he may attain a certain proficiency in the practical use of them<sup>24</sup>.

102

Deste modo, “the study of the Oriental languages was one of the principal objects of this munificent institution, and that of the *Sanskrit* a desideratum<sup>25</sup>” (1808, p. XIII).

No prefácio à sua gramática, Wilkins (1808, p. VIII-IX) discorre sobre a importância de seus companheiros de estudos na *Asiatic Society*: Halhed, com seu exemplo, o inspirou a estudar o sânscrito, de modo que também ele encontrou um pandita de mente liberal e suficientemente instruído para ajudá-lo nesta tarefa; Sir William Jones era para ele simplesmente o “oracle of Oriental learning<sup>26</sup>”; Colebrooke era aquele que por possuir um

---

23 Tradução: “A gramática sacra tem sido mais cultivada, sua concordância com os escritos antigos e com os autores clássicos tem sido mais cuidadosamente verificada, que qualquer outra gramática: é mais usualmente citada, e mais geralmente compreendida: e, finalmente, corrigida por uma longa linha de comentadores, é a mais acurada e completa”.

24 Tradução: “Aquele que sabe Sânscrito já adquiriu o conhecimento de metade de quase todos os vernáculos da Índia; enquanto permanece ignorante dele, nunca poderá ter uma perfeita e crítica compreensão deles, embora possa atingir certa proficiência na prática de seu uso”.

25 Tradução: “o estudo das línguas orientais foi um dos principais objetivos deste magnífico instituto, e o estudo do Sânscrito, um desiderato”.

26 Tradução: “oráculo do aprendizado oriental”.

conhecimento profundo e crítico do sânscrito era o mais competente a proferir um julgamento sobre seus méritos.

Wilkins (1808, p. IX) mostra que o sânscrito é digno da atenção dos filólogos, a quem a mera estrutura e afinidade das línguas são os elementos de maior interesse, mas defende também que é ele digno de interesse dos estudantes de línguas estrangeiras, sobretudo, pela rica literatura e pelos inúmeros tratados de várias ciências nele escritos. É sobretudo nesta segunda perspectiva que se situam os primeiros *scholars* europeus que se interessaram pelo estudo do sânscrito; buscavam muitos deles, principalmente, ter acesso à rica e antiquíssima tradição literária e cultural da Índia.

A experiência de vida fundante<sup>27</sup> de seu projeto de compor uma gramática elementar do sânscrito encontra-se referida do seguinte modo: quando iniciou seus estudos com o pandita, não havia em nenhuma língua conhecida por ele livros elementares, então viu-se compelido a compor um para si mesmo e foi o que fez com o auxílio de seu mestre. Traduziram para o inglês grande parte de três gramáticas populares: *Saraswati Prakriya*<sup>28</sup>, de Anubhuti-swarupacharya; *Mugdha-bodha*<sup>29</sup>, de Vopa-deva; e o *Ratna-mala*<sup>30</sup>, de Purushottama (WILKINS, 1808, p. XI). Estas traduções, bem como seus originais e outras tantas gramáticas do sânscrito, reunidas por ele, foram as fontes materiais de onde Wilkins extraiu os dados utilizados em sua gramática. Todo esse material ele levou consigo para a Inglaterra quando de seu retorno em 1795.

Uma das maiores dificuldades enfrentadas por estes primeiros gramáticos era a falta de tipos de Devanagari<sup>31</sup>, o que tornava a impressão de

27 O conceito de experiência de vida fundante encontra-se em Voegelin (2009, p. 107-128).

28 The popular name given to the gloss by Anubhuti-swarupacharya on Narendras grammar rules. In.: <https://www.sanskritdictionary.com>

Tradução: “nome popular dado à glosa de Anubhuti-swarupacharya sobre as regras gramaticais de Narendra”.

29 Literally instructions to the ignorant: a treatise on grammar similar to the Astadhyayi of Panini but much shorter, written by Bopadeva or Vopadeva an inhabitant of the greater Maharastra in the Vardha district, in the thirteenth century. In.: <https://www.sanskritdictionary.com>

Tradução: “Literalmente, instruções aos ignorantes: um tratado gramatical similar ao Astadhyayi de Panini, mas bem mais curto, escrito por Bopadeva ou Vopadeva, um habitante do grande Maharastra, no distrito de Vardha, no século XIII”.

30 Name of a recognised treatise on grammar written by Puruṣottamavidyāvāgīśa of Bengal in the fourteenth century. The treatise explains many words which, although current in language and literature, cannot be easily formed by rules of grammar. The author has tried to form them by applying rules of grammar given in the grammatical systems of Panini and Katantra. In.: <https://www.sanskritdictionary.com>

Tradução: “Nome de um conhecido tratado gramatical escrito por Puruṣottamavidyāvāgīśa de Bengala, no século XIV. O tratado explica muitas palavras que, embora correntes na língua e na literatura, não podem ser facilmente formadas seguindo as regras da gramática. O autor tentou formá-las aplicando as regras gramaticais do sistema de Panini e de Katantra”.

31 Alfabeto derivado do brami, usado na escrita de muitas línguas da Índia, como o hindi, o sânscrito, o marati etc. In.: <https://www.aulete.com.br/devan%C3%A1gari>

exemplos e excertos dos manuscritos sânscritos muitas vezes inviável, deste modo inviabilizando a produção das gramáticas. Colebrooke não conseguiu publicar a segunda parte de sua gramática muito em função destas limitações técnicas. Wilkins enfrentou este problema não só do ponto de vista editorial, mas também industrial, pois diz-nos

I cut the letters in steel, made matrices and moulds, and cast from them a fount of types of the Deva-nāgari character, all with my own hands; and with the assistance of such mechanics as a country village could afford, I very speedily prepared all the other implements of printing in my own dwelling-house; for by the second of May of the same year [1975], I had taken proofs of sixteen pages<sup>32</sup> (...) (WILKINS, 1808, p. XII).

O trabalho parecia promissor, mas naquele mesmo dia as instalações onde trabalhava pegaram fogo. O incêndio alastrou-se rapidamente e não pôde ser contido. Wilkins conseguiu, no entanto, salvar todos os seus livros e manuscritos, também grande parte das punções e matrizes. Os próprios tipos, porém, perderam-se ou tornara-se inúteis<sup>33</sup>. Somente dois anos depois, devido a criação do *East India College*, Wilkins sentiu-se novamente motivado a concluir sua gramática do sânscrito.

### Uma virada sânscrita da linguística ocidental

104

Câmara Jr. (1986, p. 34), em suas reflexões históricas, ecoa o consenso de que o método e as concepções da gramática do sânscrito estimularam o espírito europeu no sentido de uma nova visão da linguagem. Para ele, a leitura da gramática do sânscrito levou os linguistas ocidentais a reavaliarem tudo aquilo que os gregos e romanos tinham dito sobre a linguagem. Não especificamente sobre toda a linguagem, mas, sobretudo, sobre os dois domínios em que a gramática do sânscrito superava a gramática tradicional, a fonética e a morfologia. De acordo com Câmara Jr. (1986, p. 34) o “estudo fonético pelo exame das articulações bucais, por exemplo, e o conceito de ‘raiz’, dentro do vocábulo, como expunham os gramáticos hindus, tornaram-se pontos básicos na nova linguística”.

---

32 Tradução: “Talhei as letras em aço, fiz matrizes e moldes; moldei a partir deles uma fonte de tipos das letras devanagari, tudo com minhas próprias mãos; e com a ajuda dos recursos mecânicos que uma cidade do interior pode proporcionar; rapidamente, preparei os outros implementos para a impressão em minha própria casa; por volta de dois de maio do mesmo ano [1975], tirei provas de dezesseis páginas (...)”.

33 Ver Singh (2011) para uma visão dos desenvolvimentos dos recursos tipográficos envolvendo o devanagari.

Em um depoimento ainda próximo dos primeiros desenvolvimentos da linguística comparada, Frédéric Baudry (1864) registra os empréstimos conceituais advindos da tradição indiana, referenciando a leitura empreendida a partir da qual se moldou a nova maneira de pensar o estudo das línguas; nele ainda podemos perceber o maravilhamento que a técnica analítica indiana causou nos primeiros estudiosos que se dedicaram a compreender seus mecanismos. Quanto à fonética, anota Baudry (1864, p. 9) que

Ils les notèrent, et de cette scrupuleuse observation de l'influence des lettres les unes sur les autres, entre les mots différents et entre les parties constituantes du même mot, est née la phonétique et la théorie de la permutation des lettres, qui est une des bases fondamentales de la philologie comparée<sup>34</sup>.

O instrumento por meio do qual a cultura indiana, fundamentalmente uma cultura oral, guarda e transmite seus conhecimentos é o *sutra*, ou breves aforismos, cujo caráter sintético e, muitas vezes, poético, auxilia na memorização dos conhecimentos por eles transmitidos. O *Astadhyayi* de Panini é um perfeito exemplo da incorporação deste instrumento na gramaticografia. O modo por meio do qual os gramáticos do sânscrito manejaram este instrumento também chamou a atenção dos estudiosos europeus:

Ils distinguèrent les mots simples d'avec les composés, et résumèrent leur pénétrante analyse en un vers, énigmatique à force de brièveté, qu'on ne peut traduire qu'en le développant: / *Tin krit taddhita catushtayasamâsâk çabdamayam* (*Praticâkhya* du Yajur Véda, I, 27.). / « Les verbes avec leurs flexions, les noms dérivés au moyen des suffixes primaires et secondaires, et les quatre espèces de composés, voilà ce qui constitue les mots. » **Depuis bientôt cinquante ans que la philologie comparée existe en Occident, elle n'a pas fait autre chose que d'appliquer cet aphorisme, et de décomposer les mots suivant la méthode qu'il exprime sous cette forme algébrique**<sup>35</sup> (Destaque nosso. BAUDRY, 1864, p. 10).

34 Tradução: “Eles o notaram, e desta escrupulosa observação da influência das letras umas sobre as outras, entre as palavras diferentes e entre as partes constituintes das mesmas palavras, nasceu a fonética e a teoria da permutação das letras, que é uma das bases fundamentais da filologia comparada”.

35 Tradução: “Distinguiram as palavras simples das compostas e resumiram sua penetrante análise em versos enigmáticos por força de tamanha brevidade que não os podemos traduzir sem os desenvolver: / *Tin krit taddhita catushtayasamâsâk çabdamayam* (*Praticâkhya* do Yajur Véda, I, 27.). / ‘Os verbos com suas flexões, os nomes derivados por meio de sufixos primários e secundários e as quatro espécies de composição, eis o que constitui as palavras’. Depois de cerca de cinquenta anos que a filologia comparada existe no Ocidente, ela não fez outra coisa senão aplicar este aforismo e decompor as palavras seguindo o método que ele exprime nesta forma algébrica”.

Como Baudry deixa claro, no excerto acima, os linguistas europeus incorporaram, desde logo, elementos do instrumental da gramaticografia do sânscrito. Também sob o aspecto da produção de conhecimento linguístico, a língua sânscrita foi um elemento importante nos atos de saber que constituíram a linguística do século XIX. Podemos vislumbrar seu lugar nos estudos linguísticos ocidentais deste período, a partir do testemunho de Bailly (1869, p. 11) a seguir:

tous les maîtres familiers avec les travaux de la linguistique moderne savent que l'étude du grec et du latin n'est plus guère possible sans le secours du sanscrit ; ce n'est que par la comparaison des formes grecques et latines avec les types, mieux conservés, du vieil idiome indien qu'on peut découvrir le sens originaire des racines, la valeur des flexions, la loi des transformations qu'elles ont subies. L'intervention du sanscrit dans une telle étude n'est donc pas, comme on le pense trop communément, un surcroît de luxe, c'est une nécessité véritable; et, comme le grec ne peut être vraiment intelligible sans le latin, ni le latin sans le grec, l'un et l'autre à leur tour ne sauraient se passer du sanscrit<sup>36</sup>.

Esta vereda levou ao desenvolvimento da perspectiva histórica na construção de conhecimento linguístico, não só na dimensão doutrinária, mas, sobretudo, técnico-analítica. O instrumental encontrado na gramaticografia do sânscrito permitiu viabilizar a comparação entre as línguas e a reconstrução do percurso histórico das formas linguísticas por entre as línguas com maior segurança. Deste modo, podemos afirmar com Lyons (1970, p. 19) que a descoberta do sânscrito pelos estudiosos europeus teve um papel extremamente importante na evolução da filologia comparada no curso do século XIX; o contato com a língua sânscrita e sobretudo a familiarização com a tradição gramatical indiana foram fatores essenciais neste processo. Para Lyons (1970, p. 19), vários aspectos da linguística do século XIX refletem claramente a prática ou a teoria dos gramáticos indianos.

---

36 Tradução: "(...) todos os mestres familiares aos trabalhos da linguística moderna sabem que o estudo do grego e do latim não é mais possível sem o auxílio do sânscrito; é pela comparação das formas gregas e latinas com os tipos, mais bem conservados, do velho idioma indiano que se pode descobrir os sentidos originais das raízes, o valor das flexões, a lei das transformações que elas sofreram. A intervenção do sânscrito num tal estudo não é, como se pensa comumente, uma questão de luxo, mas de verdadeira necessidade; como o grego não pode ser verdadeiramente inteligível sem o latim, nem o latim sem o grego, um e outro, a seu turno, não podem passar sem o sânscrito".

## Para concluir: a tradição do *logos* e a tradição do *sutra*

Da análise dos documentos selecionados para esta investigação emergiu a hipótese de que a gramaticografia do sânscrito entrou na tradição linguística ocidental através do trabalho de duas redes de estudiosos, aquela em torno da *Académie Royale des Inscriptions et Belles-Lettres* e a em torno de *The Asiatic Society*. Os elementos visados nesta assimilação foram a tradição gramaticográfica composta por um texto canônico (o *Astadhyayi* de Panini) e por uma multiplicidade de instrumentos auxiliares, seu rigor descritivo por meio da técnica do *sutra* e a antiguidade da variedade linguística descrita. Um fator importante no interesse destas redes pela linguística do sânscrito foi a existência, na hiperlíngua indiana da época destes primeiros contatos, de elementos (livros e práticas linguísticas) que garantiam um espaço para o uso efetivo de todo este aparato elaborado há tão longínquo tempo. Podemos, assim, simbolicamente, tomar a tradição ocidental como a tradição do *logos* e a tradição hindu como a tradição da *sutra*<sup>37</sup> e afirmar, para concluir, que não só como língua irmã mais velha das línguas clássicas ocidentais o sânscrito influenciou as ciências da linguagem, mas também como aquela dotada do aparato descritivo mais rigoroso e preciso – bem a propósito do que buscava, em termos de prática científica, o século XIX, o século da linguística histórico-comparativa.

## Referências Bibliográficas

### Documentos

COLEBROOKE, Henry Thomas. *A grammar of the sanscrit language*. Vol. I. Calcutta: The Honorable Company, 1805.

COLEBROOKE, Henry Thomas. On the Sanskrit and Prácrit languages (1803). In.: STAAL, John Frederik (ed.). *A reader on the Sanskrit grammarians*. Massachusetts: MIT Press, 1972. (p. 33-28).

HALHED, Nathaniel Brassey. *A grammar of the bengal language*. Bengal: Hoogly, 1778.

PÈRE COERDOUX. Supplément au mémoire qui précède. In: MAYRHOFER, Manfred. *Sanskrit und die Sprachen Alteuropas: Zwei Jahrhunderte des Widerspiels von Entdeckungen und Irrtümern*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1983.

---

37 Esta é uma caracterização possível, no entanto, constitui um vasto assunto a ser explorado em investigações futuras.

PONS, Jean François. Richezza et énergie de la langue Samskret, et comment et par qui elle a été réduite en Grammaire (1740). In.: STAAL, John Frederik (ed.). *A reader on the Sanskrit grammarians*. Massachusetts: MIT Press, 1972. (p. 30-32)

WILKINS, Charles. *A grammar of the sanskrita language*. London: Bulmer, 1808.

## Estudos

AMSTERDAMSKA, Olga. *Schools of thought: the development of linguistics from Bopp to Saussure*. Dordrecht: Reidel, 1987.

AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Ed. Unicamp, 2014.

AUROUX, Sylvain. *La raison, le langage et les normes*. Paris: Presses Universitaires de France, 1998. (Collection Sciences, Modernités, Philosophies)

AUROUX, Sylvain. Les modes d'historicisation. *Histoire Épistémologie Langage*, Histoire des idées linguistiques et horizons de rétrospection, tome 28, fascicule 1, p. 105-116, 2006. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/hel\\_0750-8069\\_2006\\_num\\_28\\_1\\_2869](https://www.persee.fr/doc/hel_0750-8069_2006_num_28_1_2869) Consultado em: 21 jun. 2021.

108

AUROUX, Sylvain. Que peut dire un historien des sciences sur Saussure? [O que pode dizer um historiador da ciência sobre Saussure?] Tradução de Amanda Eloina Scherer, Maria Iraci Sousa Costa, Maurício Bilião. *Entremeios: Revista de Estudos do Discurso*, Pouso Alegre (MG), v. 15, p. 169-196, jul.-dez. 2017. Disponível em: <http://www.entremeios.inf.br/published/531.pdf> Consultado em 21 jun. 2021.

AUROUX, Sylvain. Une nouvelle histoire de la grammaire Française. Colloque SHESL-HTL, 2011, Paris. *Vers une histoire générale de la grammaire française. Matériaux et perspectives*. Paris: Honoré Champion, 2018, p. 27-44.

AUSSANT, Émilie. L'autonymie dans la tradition grammaticale sanskrite paninéenne. *Histoire Épistémologie Langage*, L'autonymie, tome 27, fascicule 1, p. 73-92, 2005. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/hel\\_0750-8069\\_2005\\_num\\_27\\_1\\_2050](https://www.persee.fr/doc/hel_0750-8069_2005_num_27_1_2050) Consultado em: 21 jun. 2021.

AUSSANT, Émilie. La grammaire sanskrite étendue - état des lieux. *Histoire Épistémologie Langage*, La grammaire sanskrite étendue, tome 39, fascicule 2, p. 7-20, 2017. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/hel\\_0750-8069\\_2017\\_num\\_39\\_2\\_3610](https://www.persee.fr/doc/hel_0750-8069_2017_num_39_2_3610) Consultado em: 21 jun. 2021.

BAILLY, Anatole. *Racines grecques & latines*. Paris: A. Durand et Pedone Lauriel, 1869.

BAUDRY, Frédéric. *De la science du la langage et de son état actuel*. Paris: Auguste Durand Librairie; Didier et C.le Libraie Académique, 1864.

BORBA, Francisco da Silva (org.). *Dicionário Unesp do português contemporâneo*. Curitiba: Piá, 2011.

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. *História da linguística*. 4 ed. Tradução Maria do Amparo Barbosa de Azevedo. Petrópolis: Vozes, 1986.

COLOMBAT, Bernard; FOURNIER, Jean-Marie; PUECH, Christian. *Uma história das ideias linguísticas*. Tradução Jacqueline Léon e Marli Quadros Leite. São Paulo: Contexto, 2017.

HOUBEN, Jan E. M. Sources et Histoire de la tradition sanskrite. *Annuaire de l'École pratique des hautes études, Section des sciences historiques et philologiques, Conférences des années 2011-2012, 2012-2013 et 2013-2014*, p. 254-275, 2015. Disponível em: <https://journals.openedition.org/ashp/1748> Consultado em: 21 jun. 2021.

LEITE, Marli Quadros. Historiografia da linguística e história das ideias linguísticas: aproximação e distanciamento. In: BATISTA, Ronaldo de Oliveira. *Historiografia da linguística*. São Paulo: Contexto, 2019.

LEROY, Maurice. *As grandes correntes da linguística moderna*. 2 ed. Tradução Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1971.

LYONS, John. *Introduction to theoretical linguistics*. Cambridge: Cambridge, 1995.

LYONS, John. *Linguistique Générale: introduction à la linguistique théorique*. Traduction de F. Dubois-Charlier et D. Robinson. Paris: Larousse, 1970.

MALBERG, Bertil. *As novas tendências da linguística: uma orientação à linguística moderna*. Tradução Francisco da Silva Borba. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.

QAYYUM, Muhammad Abdul. *A critical study of the bengali grammars of Carey, Halhed and Haughton*. Thesis presented for the degree of Doctor of Philosophy. School of Oriental and African Studies. University of London. 1974. Disponível em: <https://eprints.soas.ac.uk/29000/1/10673244.pdf> Consultado em: 17 mar. 2021.

ROBINS, Robert Henry. *A short history of Linguistics*. Thetford: Lowe & Brydone, 1969.

SANTOS, Mário Ferreira dos. *Métodos lógicos e dialécticos*. Vol. I. São Paulo: Logos, 1959.

SINGH, Vaibhav. *Devanagari in multi-script typography: a critical enquiry into the development of notions of multi-script typography, for the combination of Devanagari and Latin scripts*. MA Typeface Design, University of Reading, 2011. Disponível em: [https://issuu.com/typefacedesign/docs/vaibhav\\_singh\\_dissertation](https://issuu.com/typefacedesign/docs/vaibhav_singh_dissertation) Consultado em: 01 mar. 2021.

SWIGGERS, Pierre. Historical perspectives on Indo-European linguistics. In.: KLEIN, Jared et al. (ed.) *Handbook comparative and historical indo-european linguistics*. Belin / Boston: De Gruyter Mouton, 2017.

SWIGGERS, Pierre. Indo-European linguistics in the 19th and 20th centuries: beginnings, establishment, remodeling, refinement, and extension(s). In.: KLEIN, Jared et al. (ed.) *Handbook comparative and historical indo-european linguistics*. Belin / Boston: De Gruyter Mouton, 2017.

VOEGELIN, Eric. *Anamnese: da teoria da história e da política*. Tradução Elpídio Mário Dantas da Fonseca. São Paulo: É Realizações, 2009.